

## **A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM**

Embora a realidade do homem seja essência espiritual à imagem e semelhança do creador, ou seja, da fonte da vida, de onde a criação que se encontrava em potência proveio, necessitou a componente espiritual, no seu trajecto evolutivo para que pudesse experienciar essa criação, de servir-se dos diversos graus energéticos e dos estados de matéria.

Assim, quando se fala da transformação evolutiva do Homem, ter-se-á que considerá-lo no seu todo constitutivo nos mundos da forma, pelo que partimos do princípio de que o homem é composto por veículo físico, alma e espírito, sendo que a estrutura mental constituída pelos pensamentos, o intelecto e a consciência produzida pela sua evolução têm a sua sede na alma.

Quando a substância semi-material, semi-espiritual, atingiu as condições necessárias para receber o espírito – “o sopro divino” de que nos fala o Génesis – acontecia que, simultaneamente, o corpo material adquiria a performance rudimentar para dar lugar ao evento do surgimento do plano hominal.

No entanto faltava ainda, para se concretizar, que aquela substância passível de espiritualização e perfeição desenvolvesse a sua função de elo de ligação entre a matéria corporal e o espírito.

Alguns milhares de séculos se passaram em que a condução do corpo foi dirigida pelo espírito do exterior.

Após a adaptação da substância semi-material, semi-espiritual, à matéria densa corporal necessária à ligação com o espírito, deu-se a harmonização específica dos sexos em termos de hominalidade, do yin e do yang, do elemento negativo e do positivo.

Assim, naturalmente, tornou-se num corpo causal - a que chamamos a alma humana - que mais não é que a individualidade do homem em evolução, servindo de corpo do espírito e com o qual se unirá quando atingir a sua sublimação.

É esta substância semi-material, semi-espiritual, que aparece junto ao princípio material, envolvendo-o desde o início da criação, tendo percorrido, experienciando, os planos mineral, vegetal e animal, como alma-grupo em termos de mônada, em cada um deles.

Não podemos deixar de levar em atenção toda a vida microscópica, que é a base inicial em seus entrosamentos de adaptação ajustáveis no sentido evolutivo de aperfeiçoamento, que se estende até à vida macroscópica.

Estes elementos são os chamados “infinitamente pequenos “(o quantum, os átomos, as moléculas, as células, as bactérias, as amebas, etc.)”, simples e compostos.

O laboratório cósmico, através dos elementos constituintes, tinha produzido, em muitas experiências corporais, o corpo necessário à manifestação da vida de consciência individualizada secundado pela excelssitude da inteligência criativa e dedutiva que lhe confere o espírito - imanação divina na forma, na sua própria criação.

Conforme nos declara Lavoisier: nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. A análise que fazemos confirma esta assertiva porquanto pensamos que nada se cria porque tudo já está criado, assim como nada se perde porque tudo está dentro, visto o fora não existir e tudo se transforma porque é esse o desígnio objectivo do creador - o aparecimento de criaturas altamente evoluídas e espiritualizadas.

A fonte da vida, a divindade, é absoluta; não tem o fora. Tudo se encontra dentro. No universo tudo age, reage e interage, porque tudo está em tudo e tudo influencia tudo. Segundo Paulo de Tarso: Deus é aquela realidade, na qual vivemos e temos o nosso ser.

O fora só tem sentido nos mundos da forma onde existe a sensação ilusória de separação. O dentro de..., o fora de..., fazem parte de um todo absoluto de unidade divina.

Sabe-se hoje, devido à acção pesquisadora de arqueólogos, geólogos e biólogos em conjunto com cientistas de outras áreas do conhecimento, que para além do aparecimento, no sul do continente africano - Namíbia -, do homo sapiens, que existiu mais ou menos há um milhão de anos, foram encontrados em diversas partes do globo, fósseis com diferenciações físicas, que demonstram a acção transformadora e reguladora do ADN no infinito laboratório cósmico.

O ADN (ácido desoxirribonucleico) é o elemento intrínseco em toda a criação, que contém toda a informação genética responsável pela transformação do princípio material, em presença de todo o meio ambiente cósmico, adaptando os seres às condições de vida nos diversos planos de frequência vibratória onde a vida se manifesta. “E tudo é vida”.

Mencionamos alguns a título de exemplo: os Australopithecus Alferensis, pré-humanos, estimando-se a sua existência entre 4 a 3 milhões de anos; os Homo Habilis, pertencentes ao ramo que entroncou no ramo evolutivo que deu lugar, no seu desenvolvimento, ao Homo Sapiens; os Homo Erectus; o Neandertal e o Homo Sapiens, do qual nós, seres humanos, somos possuidores da estrutura física evoluída actualizada.

Muitos outros fósseis se encontram catalogados e datados que apresentam alterações significativas como, por exemplo, ter-se encontrado um homo sapiens mais evoluído que teria existido entre os 300 e 50 mil anos, o que vem comprovar a natural evolução da matéria na procura de corpos cada vez mais perfeitos e permeáveis, em adaptação de sensibilidade à evolução da alma.

Nesta altura o homem acabava de expulsar-se do paraíso terreno e integrava-se nos mundos da forma em condições de semi-consciência.

Os dados científicos acima descritos, tornam-se necessários para comprovar que tudo evolui na criação de uma forma natural e inteligentemente dirigida. É neste sentido que devemos perceber a importância da ciência no estudo aprofundado do exterior.

Também aqui se comprova que o homem obtém este conhecimento de uma forma gradual e de trajecto evolutivo.

Tudo evolui harmoniosamente, em equilíbrio e em forma proporcional com o todo cósmico, embora, pela análise superficial, nos pareça que assim não sucede.

Deixemos a ciência, no seu trajecto evolutivo, para aqueles que enveredaram pela missão de explicar com dados científicos o funcionamento do exterior e adquiramos, através dos místicos, dos psíquicos e dos intuitivos, o entendimento do interior que constitui a nossa real natureza, a ciência do espírito.

Tudo tende para a união. O estudo do exterior e o estudo do interior são complementares, pois a evolução do homem acontece em dois sentidos: de fora para dentro, pelo estudo da criação exposta aos órgãos sensoriais (ciência do exterior), e de dentro para fora, pela acção do espírito sobre a matéria (ciência do espírito).

No prosseguimento desses estudos espirituais, descobriremos que, no mais íntimo da nossa alma, existe a fonte de onde todo o conhecimento provém.

Para o receber torna-se necessário que nos entreguemos ao estudo profundo da nossa natureza espiritual, criando as condições espirituais na observância das leis divinas para que o espírito se manifeste através da nossa alma.

Tal como acontece com a substância primordial nas suas fases a que chamamos de matéria, a nossa individualidade espiritual, a nossa alma, paralelamente vai evoluindo rumo ao centro de onde veio em estado primário, simples e ignorante, e ao qual regressará em estado realizado.

Partimos do princípio de que o homem vai naturalmente operar física, mental, emocional e espiritualmente, nas dimensões da forma, servindo-se do seu corpo físico, do pensamento, do intelecto e da vontade, a partir do seu livre arbítrio e da inteligência -ferramentas e atributos do espírito consignados à alma (a individualidade humana em crescimento) - para formar a consciência durante a aprendizagem em suas vidas cíclicas nos mundos materiais.

Ao dar-se assim o contacto com o meio ambiente que o rodeia, os atributos divinos de que é dotado e a componente material de que é revestido com suas solicitações próprias, entram em funcionamento no seu conjunto, provendo a sua subsistência e propagação da espécie, ainda por instinto advindo do plano animal.

Por outro lado, a acção do espírito sobre a alma em aperfeiçoamento desenvolve-lhe o psiquismo e dá-lhe a sensação de que mais existe para além do mundo que se encontra perante os seus órgãos sensoriais.

Tertuliano diz-nos: que o homem é religioso por natureza. E nós acrescentamos: "mesmo ignorando tal condição".

Deste modo a transformação conjunta, material e espiritual, continua. É um facto. Agora em aspecto mais elevado pois tinha transitado da inconsciência para a semi-consciência, aprontando-se para obter a consciência, rumo à super-consciência e, mais tarde, à supra-consciência.

O homem assistiu à morte e ao nascimento dos seus semelhantes, sentiu dentro de si a vida palpitante e tomou consciência dessa força interior que não via mas que existia.

Perante a imponentia dos mundos da forma, da matéria em movimento e dos fenómenos naturais que por vezes se expressam de forma violenta no seu desenvolvimento evolutivo, o homem criou crenças de ordem espiritual através de superstições e sentimentos naturais de que não se encontrava só no mundo.

Precisava de protecção.

Foi o momento da criação de deuses para todas as suas necessidades prementes e difíceis. Nessa altura também se manifestaram os psíquicos, que conviviam através da mediunidade com os chamados espíritos, dando assim a consciência da vida para além da morte. Chamaram-lhes feiticeiros, xamãs, etc.

Os celtas são um bom exemplo de tais conceitos espirituais pois através dos druidas, que eram os seus sacerdotes, tinham o culto dos mortos com cujas almas conviviam, bem como os antigos egípcios e os tibetanos, conforme nos informa os Livros dos Mortos.

No médio oriente apareceram os profetas e com o aparecimento de avatares, que traziam doutrinas espirituais, o homem criou religiões, dando-lhes diversas interpretações.

Se fosse possível perguntar a Deus se não se sentia ofendido pelo facto dos homens terem criado deuses, certamente nos responderia que não, porquanto é nessa criação que o procuram a ele.

A tomada da consciência é feita naturalmente com a vivência quotidiana. Pensamos que, principalmente, com a faculdade de sentir.

Se sentimos fome, logo que sempre isto acontece tomamos consciência de que temos que alimentar o nosso veículo físico. Ao ingerirmos os alimentos, se sentimos agrado, tomamos consciência desse prazer, e assim o homem não mais deixou de procurar os prazeres. Prazeres de toda a ordem.

Para que pudéssemos ter sempre o necessário, a criatividade humana entrou em funcionamento, e com isto nasceu o sentimento de posse.

Com o sentimento de posse floresceu o egoísmo e o homem tornou-se avaro.

Mas o sentimento de posse, que tem como consequência o egoísmo, gera o do poder. Então ele não teve dúvidas e enveredou por todos os meios para possuir poder, sobre tudo e todos, dentro dos diversos estados de poder e dos estatutos sociais que ocupava no contexto social da humanidade.

Claro que uns conseguiam atingir esses desideratos, outros não, e assim apareceu uma humanidade de poderosos e ricos e de subalternos e pobres, que ainda hoje se mantém.

Para o efeito criou tribos que chefiou, reinados em que foi rei, impérios em que se tornou imperador, havendo também todos aqueles lugares subalternos que eram a cobiça dos menos afortunados.

E deste modo se foi o homem afastando da sua verdadeira natureza e afundando-se nas solicitações do mundo material.

E foi deste modo que apareceram os ditadores, que se construíram organizações mafiosas, que o homem aprendeu a ser dissimulado, falso, traidor e corrupto para obter tudo aquilo que desejava; que a escravatura se instalou no mundo sem dó nem piedade e que a maldade passou a ter cidadania. É a lei do mais forte e do mais esperto.

E assim foi construindo a sua personalidade ligada a todos estes sentimentos que a sustentam, o nosso eu inferior: “ o ego físico, mental e emocional “.

Como o homem arranja sempre uma desculpa, alijou para a manifestação nefasta desse ego a criação de um ser, a que chamou Satã.

Mas... “ai”! Para que ele pudesse manter esta personalidade, necessitava de segurança. E este sentimento tornou-se imperativo.

Então criou leis e tribunais e organizou forças policiais para as fazer cumprir, tendo em conta que no princípio ele era o tribunal e o juiz – tudo era decidido por ele.

Também no contacto com os seus semelhantes e no uso natural da procriação foi desenvolvendo sentimentos diversos: de amor, de maternidade, de paternidade, de filiação, de família, de amizade, de tribo, de país, que envolviam outros sentimentos, como os de gratidão, admiração, orgulho, vaidade, ódio, etc.

E assim se foi o homem afastando da ingenuidade e da simplicidade, obtendo uma personalidade fictícia complexa e interesseira, de acordo com as suas infindáveis ambições.

Mas no meio de tudo isto apareceram as excepções, os que com maior clareza intuíram a razão de ser da vida e passaram a lutar por um mundo melhor, uma humanidade mais justa.

Vieram ao mundo e tentaram ajudar a humanidade a evoluir dando-lhe códigos de relacionamento e princípios espirituais de acordo com as leis divinas a que, pelo seu esforço, já tinham ascendido, mostrando um caminho baseado na compreensão, na fraternidade e no amor.

Há cinco mil anos, no oriente, foi dada à humanidade, por Lao Tsé, uma preciosidade de sabedoria chamada “o Tao” (que quer dizer: caminho ou via) onde se inspirou Confúcio e outras linhas espiritualistas orientais.

Com a invasão ariana à Índia, nasce, da fusão da filosofia do invasor com os autóctones jainas, a ciência védica, que é um tratado científico e filosófico de espiritualidade de elevada grandeza.

Os arianos tinham um conceito de carma activo e os jainas um conceito passivo. Como a actividade cria carma e a passividade se

torna neutra – impasse para o progresso evolutivo –, fundiram-se os conceitos e assim nasceu a lei do carma védico actual.

Seiscentos anos antes da nossa era aparece esse grande luminar que se chamava Siddharta Gautama - o primeiro Buda - e ensina aos homens o caminho que os realiza, a via óctupla, o caminho do meio, ou seja, a forma de alcançar o estado búdico. O nirvana, a autenticidade do ser.

Houve sempre seres humanos que se destacaram na ajuda da evolução tecnológica e espiritual. Basta lembrarmos: “Pitágoras, Krishna, Zaratrusta, Hermes Trimegisto, Sócrates, Platão, Orígenes, Plotínio, Spinoza e tantos outros filósofos, cientistas e religiosos até à actualidade.

E há dois mil anos apareceu o último avatar, Jesus, que deu ao mundo o maior exemplo de sabedoria e espiritualidade, baseado no amor a Deus e ao próximo.

Veio a este mundo em missão de esclarecimento e salvação e pagou o preço com a sua própria vida terrena, como aconteceu aos seus antecessores. Os poderosos não o podiam suportar; era demais.

Tais doutrinas ameaçavam os poderes instituídos. Eram anunciadores de alterações da ordem pública pois eram uma ameaça aos poderosos, quer do poder político, quer do económico, quer do religioso.

Os séculos XVII, XVIII, XIX e XX foram pródigos no aparecimento de seres para além do vulgar, dentro de todas as áreas do conhecimento, que levaram a humanidade a um estado evolutivo considerável.

Desde sempre, o homem obedeceu mais ao intelecto do que ao espírito. Possuidor de atributos divinos por filiação, criou regras comportamentais de relação com os seus semelhantes, construiu máquinas fabulosas, edifícios monumentais, iniciou as viagens no espaço exterior, descobriu meios de tratamento de doenças e atingiu técnicas de variada ordem, que o levou a um progresso tecnológico inimaginável. Tudo em nome da ordem, do progresso, da segurança e da religiosidade.

Todas estas conquistas do génio humano serviram as duas partes. No entanto temos que admitir que as grandes descobertas científicas foram, na sua maior parte, aplicadas em armas e horrores de guerra que matam outros seres humanos e espalham a desgraça, o infortúnio, a dor e a miséria.

Deus tinha creado o “bem” e o homem criou aquilo a que chamamos o “mal”, o que desde o início da criação estava previsto, visto Deus ter consignado, às suas criaturas, a inteligência e o livre-arbítrio através do espírito.

Era previsível. Por isso é o homem infeliz e sofredor por sua exclusiva culpa. Talvez por desconhecer que existia a lei de causa e efeito e que, portanto, só se evolui vivendo.

São as duas faces da mesma moeda, na aparente dualidade da criação, pois nada está errado porque Deus é a suprema perfeição. Os opostos não são opostos, são complementos para um desígnio de unidade espiritual objectiva.

Toda esta estrutura social foi sendo gravada e acumulada na mente humana e tornando o homem escravo dela; transmitida às gerações seguintes através da educação de avós para pais e de pais para filhos; de ensino obrigatório nas escolas primárias, secundárias e superiores, pelo que faz parte do modo de estar do homem em sociedade.

Assim foi o homem apanhado na sua própria armadilha, apenas suavizada pela exigência das gerações futuras, mas de tal maneira ainda superficial que ele se sente aprisionado, insatisfeito e infeliz, acorrentado a tanto preceito e preconceito, quer social, quer religioso, que o mantém cego para a realidade, vivendo na incerteza e na ilusão do mundo material com todas as suas nuances de opulência e de precariedade.

Para que a alma humana possa dar o salto quântico, torna-se necessário que o homem pare para se interiorizar. Que deixe de analisar com os dados distorcidos, inquinados e preconceituosos da mente inferior, que ainda é a sede de informação do ego físico, mental e emocional: “ a personalidade “.

Que, observando-se, possa analisar todos os sentimentos negativos que possui, um a um, tomando consciência dos resultados que a

sua acção nefasta produz em si principalmente e nos outros, dissecando esses sentimentos até ao extremo, não deixando nada por entender.

Este trajecto deverá ser feito sem pressas, porque a evolução acontece, natural e gradualmente, nos momentos certos para o efeito, visto que o tempo não passa, é pura ilusão nos mundos da forma.

Aquilo a que chamamos tempo, está lá, impávido e sereno. O que passa são as coisas e os seres no seu caminho evolutivo. Por isso, nas dimensões reais, não há tempo nem espaço.

Quando qualquer destes sentimentos negativos adquiridos do passado deixar de ter qualquer segredo para o Homem, este abandona-os naturalmente, porque neles nada há mais para desvendar e uma nova consciencialização o inunda de tal forma, que ele se vai apercebendo do ilusório e do real, como se uma nova vida tivesse desabrochando. É o momento do aparecimento da super-consciência.

Com este processo de coragem espiritual, o homem expulsou-se da mente inferior e integrou-se na mente superior. Agora o seu ego físico, mental, emocional, habita outro plano de consciência.

Se tivermos a capacidade de, através de uma visão de síntese, ver passar toda esta transformação da criação em amplitude cósmica, em termos materiais de uma minúscula ameba ao corpo físico mais complexo e perfeito que conhecemos e, em termos espirituais, de uma simples substância semi-material, semi-espiritual, à sua completa espiritualização e perfeição repleta de beleza, de inteligência e de sabedoria, adornada pelo amor divino que lhe confere o espírito com o qual se unificou, sendo um, sem o ser deixar de ser quem é, ficaremos de certeza extasiados perante as maravilhas da criação, nos seus aspectos de perfeição, de cor, de som, de harmonia e de felicidade irradiante.

E é aqui, nesse preciso momento, que o sonho alquímico se torna realidade ao ser transformado o chumbo em ouro de incomparável magnitude.

É a odisséia da aventura cósmica do homem e é por isso que tem que pugnar, continuando a esforçar-se por atingir o conhecimento

adequado, para deixar de valorizar o ter e passar unicamente a “ ser “.

Desde a noite dos tempos que ele tem sido transmitido, através daqueles que o legaram, quer oralmente, quer por escrito, à humanidade e que faz parte intrínseca do saber da nossa natureza real: “ o divino no homem.”

Deste modo o homem, de transformação em transformação, continuará a evoluir em perfeição e sabedoria, rumo à supra consciência.

À medida que penetramos nas profundezas do saber espiritual, enche-nos um sentimento de que sempre o sentimos e de que sempre esteve presente. É como que recordar.

10-03-2007

Abrame